

Dificuldade não deve bloquear negociações

REALI JÚNIOR

Correspondente

PARIS — O presidente Fernando Collor não deixa de ter razão quando afirma que até o dia 25 o Clube de Paris deverá concluir um acordo com o Brasil reescalando parcialmente a dívida com credores públicos, cujo valor global alcança US\$ 21 bilhões.

Quando se constata a existência de dificuldades, elas dizem respeito às negociações dos dias 24 e 25, no Hotel Majestic, que não deverão ser fáceis, como reconheceu o próprio ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, quando de sua passagem por Paris no início da semana.

Marcílio reivindica prazos de 15 a 20 anos, juros baixos, etc., mas não se conhece a disposição dos credores em aceitar a proposta brasileira, que deverá ser oficializada no dia 14. E poucos têm dúvidas, salvo surpresa de última hora, de que haverá um acordo no fim do mês, mas ninguém garante se ele será ou não muito favorável ao Brasil.

Já se sabe, por exemplo, que o País não terá a redução de 50% em sua dívida pública concedida nos casos da Polônia e do Egito. No caso da Polônia, o Brasil sentou-se à mesa de negociações ao lado dos credores, para negociar as polonetas, mas, apesar dessa sua magnanimidade, não poderá contar com a recíproca, quando se sentar outra vez à mesa, desta feita do outro lado, o dos devedores.

Os problemas existentes, que foram expostos ao próprio ministro Marcílio pelo presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, "podem dificultar uma negociação mais favorável, mas não devem bloqueá-la", revelou ainda ontem um membro do Tesouro francês e da direção do Clube de Paris, que tem acompanhado o dossiê do Brasil.

Em Paris, o ministro Marci-

lio prometeu que daqui para a frente "haverá uma perfeita simetria de tratamento entre os credores privados e os públicos". Essa era a queixa dos membros do Clube de Paris, que reclamavam do governo brasileiro porque este estava pagando parte dos juros aos bancos comerciais e nem um tostão aos credores oficiais.

Novos investimentos — A prova de que tudo se encaminha para um acordo foi o encontro ocorrido ontem em Paris entre dirigentes do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet e Samuel de Lajeunesse, e o presidente do Club Pays-Brasil, o empresário francês presidente do Grupo Matra-Hachette, Jean Luc Lagardère. O Clube Pays-Brasil foi criado pelo governo francês para promover investimentos no Brasil.

Nesse encontro estava presente também o diretor da Direção de Relações Econômicas Externas (DREE), sob cujas ordens funciona o Coface, órgão do Tesouro da França que garante os créditos de exportação.

Nessa reunião praticamente foi dado o sinal verde para que sejam suspensas as reservas existentes para a aprovação de créditos de equipamentos para o Brasil com garantia do Coface.

Coincidentemente, isso ocorre no momento em que se anuncia a viagem do ministro francês de Telecomunicações, Paulo Quiles. Esse é um dos setores em que a França tem mais interesse em investir neste momento.

Também o ministro de Relações Exteriores, Roland Dumas, que adiou pelo menos por três vezes sua viagem ao Brasil em 1991, já marcou nova data para viajar em caráter oficial ao País: dia 15 de abril. Esses são sinais evidentes de normalização das relações econômicas do Brasil com um dos seus principais parceiros europeus, a França.